

O SACERDÓCIO E A EUCARISTIA¹

The Priesthood and the Eucharist

*Benedito Beni dos Santos*²

Resumo

Este artigo abordará o tema Cristo-Sacerdote, a partir da análise da *Carta aos Hebreus*, que se centra no salmo 109 – salmo messiânico por excelência –, ao trazer a fundamentação da mediação sacerdotal de Cristo. O sacerdócio de Cristo é único e *original*, diferente do que havia entre os judeus e em outras religiões; só Ele é, ao mesmo tempo, sacerdote e vítima imolada para nossa salvação. Enquanto membros da Igreja, corpo de Cristo-Sacerdote, todos os batizados participam do sacerdócio de Cristo, oferecendo a Deus um sacrifício espiritual. A Liturgia é a ação de Cristo-Sacerdote na Igreja; através dela, Ele não só permanece conosco, mas se dá a nós na Eucaristia, o dom por excelência.

Palavras-chave: Cristologia, Carta aos Hebreus, sacerdócio de Cristo, Eucaristia.

Abstract

This article addresses the topic of Christ the Priest, based on an analysis of the *Letter to the Hebrews*, which focuses on psalm 109 – the messianic psalm par excellence –, providing the basis for Christ's priestly mediation. Christ's priesthood is *unique* and *original*, different from that of the Jews and other religions; He alone is both Priest and Victim immolated for our salvation. As members of the Church - the body of Christ the Priest - all the baptized share in His priesthood, offering God a spiritual sacrifice. The Liturgy is the action of Christ the Priest in the Church; through it, He not only remains with us, but He gives Himself to us in the Eucharist, the gift par excellence.

Keywords: Christology, Letter to the Hebrews, priesthood of Christ, Eucharist.

Introdução

Logo após o Concílio Ecumênico Vaticano II, surgiu na Igreja um esforço para valorizar a vida e a missão dos cristãos leigos. Esforço este até

-
- 1) O presente artigo é a transcrição da aula magna ministrada por sua Ex.^a Rev.^a Dom Benedito Beni dos Santos aos estudantes do Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista (IFAT) e do Instituto Teológico São Tomás de Aquino (ITTA), por ocasião da abertura do corrente ano letivo, em 28 de janeiro. As notas de rodapé e as inserções dos documentos e passagens bíblicas referenciadas foram promovidas pelo editor, bem como a adaptação da linguagem falada à escrita. O texto foi revisado pelo autor.
 - 2) Bispo de emérito de Lorena, São Paulo, Brasil. Supervisor Geral do Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista (IFAT) e do Instituto Teológico São Tomás de Aquino (ITTA). Cofundador desta Revista.

louvável, mas que levou muitas pessoas, inclusive *pastoralistas*, a afirmarem que Cristo não foi sacerdote.

Esses tais pretenderam citar diversas afirmações e provas: em primeiro lugar, diziam que os Evangelhos não conferem o título de sacerdote a Cristo; não mostram a Cristo exercendo nenhuma função sacerdotal no Tempo de Jerusalém; que Cristo jamais penetrou no Templo de Jerusalém ao lugar reservado aos sacerdotes, o *Santo dos Santos*. E ainda mais, eles afirmavam que Cristo não pertenceu à tribo sacerdotal – a Tribo de Levi, mas que pertenceu à Tribo de Judá –, porquanto não era sacerdote.

Ora, essas pessoas se esqueceram que Cristo foi sacerdote. Porém, de um sacerdócio *único e original*: essencialmente diferente do sacerdócio existente entre os judeus e em outras religiões.

Na realidade, deve-se afirmar que Ele foi o *único sacerdote*. Com efeito, os Evangelhos não dão o título de sacerdote a Cristo, justamente para não o confundir com os demais sacerdotes originários da Tribo de Levi, mas mostram Cristo exercendo diversas funções sacerdotais.

Basta recordarmos a Santa Ceia: quando Cristo institui a Eucaristia e institui um ministério ordenado – “*fazei isto em memória de mim*” (Lc 22,19; 1Cor 11,25)³ –, transmite aos Apóstolos o poder que Ele tinha de transformar o pão e o vinho em seu corpo; e, ao instituir a eucaristia, Cristo mostrou também o sentido o Calvário: Ele iria ser ao mesmo tempo *sacerdote e vítima*; Ele irá, por amor a nós, oferecer a sua vida a Deus Pai, mas oferecer-lhe-á em nosso favor, para a nossa salvação. Realizará, portanto, uma nova e definitiva aliança de Deus com a humanidade.

Também o Evangelho de Lucas, de certo modo, nos mostra Cristo como sacerdote. No momento de sua Ascensão ao Céu, Cristo repete o mesmo gesto que os sacerdotes faziam no Templo de Jerusalém: estendiam as mãos sobre o povo para abençoá-lo. E Cristo, nesta passagem, estende as mãos sobre os discípulos e sobe ao céu, como sumo e eterno sacerdote.

Mas o texto do Novo Testamento que trata, por assim dizer, de modo oficial, do sacerdócio de Cristo é a *Carta aos Hebreus*, escrita entre os anos 65 e 70 d.C.

É precípua observar o título da Carta: “*Carta aos Hebreus*”. Em realidade, no corpo da missiva, não aparece a palavra *hebreu*, sequer seus sinônimos, *judeu* ou *israelita*. Mas este título tem sua razão de ser: esta carta foi dirigida àqueles judeus que creram na divindade de Jesus e se converteram

3) “τοῦτο ποιεῖτε εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν”.

com muito entusiasmo ao cristianismo, e, por isso mesmo, foram expulsos da Sinagoga – foram excomungados.

Com efeito, no capítulo 9 do quarto Evangelho, São João afirma a respeito do cego de nascença: acreditou na divindade de Jesus e [por isso] foi expulso [da Sinagoga] (cf. Jo 9,34). Logo, tomaram a decisão de expulsar da Sinagoga todos aqueles que acreditassem na divindade de Jesus.

Ora, a expulsão da Sinagoga era um fato terrível. Na realidade, a pessoa perdia a sua cidadania, sequer podia ser saudada publicamente, perdia os seus bens etc. Razão pela qual a *Carta aos Hebreus* recorda a esses judeus que eles perderam a sua pátria nessa terra, mas que existe uma pátria melhor, definitiva, que é o céu, a eles reservada.

Por conseguinte, esses judeus que haviam abraçado a fé com tanto entusiasmo, encontravam-se em crise, por causa dos sofrimentos de que eram alvo. Muitos tiveram até que fugir para outros países. E o autor da *Carta aos Hebreus* anseia justamente ajudá-los a superar essa crise, tratando do tema *Cristo-Sacerdote*.

Em primeiro lugar, quem escreveu essa Carta? Ela é chamada *Carta de São Paulo*. Mas já no século III, Orígenes e, depois dele, alguns, duvidavam de que o Apóstolo a tivesse escrito. Por quê? Porque as *categorias teológicas* dessa carta são pertinentes a São Paulo, mas não o estilo. O que não impede de termos a certeza de que o *Apóstolo* é a sua fonte segura de inspiração, pelo menos.

Logo, talvez ela tenha sido escrita por algum discípulo de São Paulo, ou por algum companheiro de missão do Apóstolo, como Barnabé. Então, o título de *Carta de São Paulo* se justifica, porque a fonte de inspiração é justamente o grande *doutor dos povos*, que é São Paulo.

Ora, toda carta, geralmente, começa por uma saudação; esta missiva não, pois inicia-se à maneira de um sermão. Como, então, chamá-la de *Carta aos Hebreus*? Na realidade, ela é um *sermão sacerdotal*, a ser pronunciado na celebração da Eucaristia, na *Assembleia dos Cristãos*.

No entanto, por que ela passou a ser chamada de *Carta aos Hebreus*? Porque certa vez o autor enviou essa sua carta – esse seu sermão – a uma outra comunidade e, no final, acrescentou algumas saudações; daí o título de *Carta aos Hebreus*, por causa das saudações que estão no final da missiva.

Contudo, para dar uma ideia do conteúdo tão importante desta carta, é necessário ter claro três pontos:

1º) A mediação da palavra como fundamento da mediação sacerdotal de Cristo;

2º) A Cristologia geral desta carta, que é fundamento para a Cristologia sacerdotal;

3º) A Cristologia sacerdotal.

A mediação da palavra como fundamento da mediação sacerdotal de Cristo

Quanto ao primeiro ponto, ressalte-se que a *Carta aos Hebreus* se inicia de forma solene: “*Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente, nos falou por seu Filho*” (Hb 1,1-2).⁴ O que interessa, antes de tudo, ao autor da *Carta aos Hebreus*, não é tanto o que Deus falou, mas é o fato de *Deus ter falado*.

Nas Sagradas Escrituras, dirigir a palavra a alguém é mostrar o desejo de entrar em relacionamento, de fazer amizade, de fazer aliança – aliás, até hoje é mais ou menos assim.

Ora, Deus, o *grande mistério*, o *totalmente outro*, infinitamente diferente de tudo quanto existe, dignou-se dirigir a sua palavra aos seres humanos; com isso, então, Deus manifestou a intenção de entrar em relação com o ser humano, de fazer amizade, de fazer aliança conosco.

Como afirma a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, Deus nos falou como amigos, Deus nos falou por amor.⁵ E o autor da *Carta aos Hebreus* distingue dois períodos da revelação de Deus pela Palavra: o Antigo Testamento, no qual Ele nos fala através dos Profetas, seus servos; e o Novo Testamento, no qual Ele nos fala por meio de seu próprio Filho.

Portanto, Cristo é a *palavra definitiva de Deus*, é a plenitude da Revelação. Por isso é que a Revelação termina com Ele (e com seus Apóstolos, herdeiros de suas palavras).

Então, ao dirigir a sua palavra aos seres humanos, na plenitude dos tempos, no momento mais importante da *história da Salvação*, Deus

4) “Πολυμερῶς καὶ πολυτρόπως πάλα ὁ θεὸς λαλήσας τοῖς πατέρας ἐν τοῖς προφήταις ἐπ’ ἐσχάτου τῶν ἡμερῶν τούτων ἐλάλησεν ἡμῖν ἐν υἱῷ”.

5) Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Const. Dogm. Dei Verbum*, 2 (5 nov. 1966): AAS 58 (1966), 818: “Deus invisibilis ex abundantia caritatis suae homines tamquam amicos alloquitur”.

manifestou a intenção de fazer aliança conosco. Logo, aqui está o fundamento da mediação sacerdotal de nosso Senhor.

Com efeito, Deus sempre falou aos seres humanos, mas a palavra de Deus é diferente da palavra humana, como visto no início da *Carta das Hebreus*. De fato, a palavra humana é simplesmente comunicação do pensamento: penso, e expresso meu pensamento através da palavra; mas a palavra de Deus é chamada, nas Sagradas Escrituras, de דָּבָר (*dabar*) – palavra / ação –; em Deus não se distinguem palavra e ação: Deus age mediante a sua palavra.

Através de sua palavra, Deus intervém na história humana. Por conseguinte, essa introdução da *Cartas aos Hebreus* é muito importante.

A Cristologia geral desta carta, que é fundamento para a Cristologia sacerdotal

Como segundo ponto – a Cristologia geral desta carta, que é fundamento para a Cristologia sacerdotal, baseada no salmo 109, salmo messiânico por excelência –, o autor da *Carta aos Hebreus* fica de certo modo em êxtase, quando contempla Cristo ressuscitado na sua glória. Então, ele fala de nosso Senhor como início (*Alpha*) e fim (*Ômega*) da criação – expressão de São Paulo, em Efésios e Colossenses (cf. Ap 1,8) –, fala ainda da relação íntima que o Filho tem com o Pai, e afirma que Cristo é o “esplendor da glória” do Pai (cf. Hb 1,3).⁶

Com efeito, nós podemos distinguir o raio de sol do sol, mas não podemos separar o raio de sol do sol; então, distinguimos a Pessoa do Pai e do Filho, mas não podemos separá-los. Ele é o esplendor da glória do Pai, e, ainda mais, afirma que Cristo é a “expressão (imagem) da substância do ser do Pai” (cf. Hb 1,3).⁷

Em todo o Novo Testamento nós não encontramos uma afirmação tão profunda, tão radical, da unidade do Pai e do Filho quanto esta: “expressão da substância do ser do Pai” (cf. Hb 1,3). E depois, o autor da *Carta aos Hebreus* fala da obra criadora do Filho, de sua obra redentora, e, mais adiante, fala de um nome. Nome tão sublime, posto até mesmo acima dos anjos: Cristo!

6) “ἀπαύγασμα τῆς δόξης”.

7) “χαρακτήρ τῆς ὑποστάσεως αὐτοῦ”.

Cristo é, de fato, Filho de Deus e nosso irmão. Os anjos não são *filhos* de Deus; são *criaturas* de Deus. Deus criou os anjos com vistas à ação salvadora de nosso Senhor, assim como o mundo, o ser humano, os anjos etc.

Donde o fato de ser um anjo quem anuncia a Maria que ela vai ser a mãe do filho de Deus feito homem; ser um anjo quem anuncia o nascimento do Salvador aos pastores – representantes de todo o povo judeu. Todavia, os anjos estão presentes no ministério de Cristo, na sua Ressurreição, pois é um anjo quem anuncia às mulheres o Senhor ressuscitado. E ainda, o próprio Cristo afirma a Natanael: “Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem” (cf. Jo 1,51);⁸ e também que, por ocasião de sua segunda vinda, Ele virá acompanhado dos anjos dos céus (cf. Mt 25,31).⁹

Os anjos foram criados em vista de Cristo, o Filho de Deus, Verbo encarnado. Portanto, são criaturas de Deus colocadas a serviço dos seres humanos, mas criaturas que não são nossos irmãos, embora sejam nossos protetores.

Cristo, entretanto, é nosso irmão. Tal título, por conseguinte, nos enche de consolação e alegria, pois nós temos junto de Deus Pai não apenas um advogado, mas um irmão que intercede por nós. E a sua glória também é fruto do fato de Ele ter-se tornado nosso irmão, assumido a nossa condição humana, nossos sofrimentos, nossa morte.

Por isso, o antigo hino cristológico afirma que Ele existia em condição humana, pois na Encarnação Ele escondeu a sua divindade, assumindo a condição de servo, sendo em tudo obediente ao Pai, até a morte, e morte de Cruz. E por isso o Pai o exaltou e o ressuscitou, porquanto ele foi crucificado. Donde possuir Ele o nome mais sublime (cf. Fl 2,9), Filho de Deus e nosso irmão (cf. Hb 2,11).

A Cristologia sacerdotal

Em primeiro lugar, quem é o sacerdote, segundo a *Carta aos Hebreus*? A *Carta aos Hebreus* apresenta duas definições de sacerdote:

8) “ὄψεσθε τὸν οὐρανὸν ἀνεωγῆτα καὶ τοὺς ἀγγέλους τοῦ θεοῦ ἀναβαίνοντας καὶ καταβαίνοντας ἐπὶ τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου”.

9) “Ὅταν δὲ ἔλθῃ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἐν τῇ δόξῃ αὐτοῦ καὶ πάντες οἱ ἄγγελοι μετ’ αὐτοῦ, τότε καθίσει ἐπὶ θρόνου δόξης αὐτοῦ”.

1º) Representante do povo junto de Deus. Aquele que oferece súplicas e sacrifícios pelos pecados do povo. E aqui faz-se necessário um reparo: o sacerdote é representante do povo, mas não é *escolhido pelo povo*. Ele é *escolhido pelo próprio Deus*. Logo, o sacerdote é um *dom de Deus ao povo*, à comunidade;

2º) O sacerdote é pontífice. Aquele *ponte* que liga a humanidade a Deus.

Com efeito, nosso Senhor se tornou sacerdote na Encarnação. Pode-se, pois, afirmar que o ventre da Santíssima Virgem Maria foi a Catedral onde o filho de Deus foi ordenado sacerdote para sempre!

Por isso, a *Carta aos Hebreus* ainda irá afirmar que o primeiro sacrifício que Ele oferece a Deus Pai é justamente a sua obediência, aceitando a nossa condição humana. E a propósito, no capítulo 10, cita o salmo 39: “Não quiseste sacrifício nem oblação, mas me formaste um corpo. [...] Eis que venho, [...] venho, ó Deus, fazer tua vontade” (Hb 10,5.7; Sl 39/40,7-9).¹⁰

Eis aqui o primeiro sacrifício de Cristo encarnado, que Ele oferece ainda desde o ventre da Virgem Maria.

Durante toda a sua existência, desde a Encarnação, Cristo foi sacerdote. Toda a sua existência foi, pois, uma existência sacerdotal: foi como sacerdote que Ele anunciou o Evangelho; foi como sacerdote que Ele realizou os seus milagres; foi como sacerdote que ele passou noites inteiras em oração!

De igual modo, toda oração de Cristo foi oração sacerdotal, inclusive aquelas pronunciadas no alto da Cruz: “Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34)¹¹ – pedindo perdão para toda a humanidade; “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46; cf. Sl 30/31,6)¹² – é o salmo 30, que Ele reza no alto da Cruz.

Assim, toda a vida de Cristo foi sacerdotal. Mas Ele exerceu, referenos a *Carta aos Hebreus*, o seu sacerdócio em plenitude na Cruz, por isso é que na Cruz o sacerdócio de Cristo tornou-se perfeito, tornou-se pleno. Donde receber Ele não apenas o título de sacerdote, mas o de *Sumo Sacerdote* (cf. Hb 2,17).

De fato, na cruz, Cristo realizou aquilo que os sacerdotes judeus da tribo de Levi procuraram realizar e não conseguiram: a perfeita reconciliação

10) “ἠθυσίαν καὶ προσφορὰν οὐκ ἠθέλησας, σῶμα δὲ κατηρίσω μοι [...] ἰδοὺ ἦκα, [...] τοῦ ποιῆσαι ὁ θεὸς τὸ θέλημά σου”.

11) “πάτερ, ἄφες αὐτοῖς, οὐ γὰρ οἴδασιν τί ποιοῦσιν”.

12) “πάτερ, εἰς χεῖράς σου παρατίθεται τὸ πνεῦμά μου”.

da humanidade com Deus: cada dia de manhã e à noite, o sacerdote imolava no Templo de Jerusalém um cordeiro; agora, na cruz, o cordeiro perfeito é Cristo. Por isso São João Batista o apontou como o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (cf. Jo 1,29).¹³

Cristo é, portanto, o único cordeiro cujo sacrifício tira o pecado do mundo.

Segundo a *Carta aos Hebreus*, os cordeiros imolados pelos sacerdotes procuravam limpar o pecado dos homens, mas não conseguiam. Somente Cristo, sumo e eterno sacerdote, logrou realizar a perfeita reconciliação da humanidade com Deus, porquanto não apenas pediu perdão a Deus, mas é Ele próprio o *perdão* de Deus enviado ao mundo!

No que se refere aos sacerdotes da Tribo de Levi, ofereciam a Deus cordeiros, frutos da terra, preces etc., pelo que havia uma diferença entre o sacerdote e a vítima do sacrifício. Em se tratando de Cristo, Ele é, ao mesmo tempo, sacerdote e vítima do sacrifício; sacerdote e cordeiro imolado para a nossa salvação. Por isso mesmo é que Cristo é o *único sacerdote*, o único que conseguiu realizar a perfeita reconciliação da humanidade com Deus.

E a *Carta aos Hebreus* dá, então, a Cristo três títulos importantes:

- 1º) Sumo Sacerdote;
- 2º) Digno de fé;
- 3º) Misericordioso.

Sumo Sacerdote: Cristo é o sacerdote perfeito! Ele é o *único* sacerdote. Há aqueles que são sacerdotes em Cristo, que participam do sacerdócio d’Ele, porque Ele é o único sacerdote.

Digno de fé: Cristo tem autoridade para ser sacerdote. Donde tal autoridade? Pelo fato de Ele ser *pontífice*, a *ponte* que liga a humanidade a Deus – e só Cristo pode ligar realmente a humanidade a Deus –, porque Ele é, ao mesmo tempo, Deus e homem; uno com Deus e uno com o ser humano. N’Ele, nós temos Deus totalmente inclinado ao ser humano, ao ponto de assumir nossa humanidade, e o ser humano totalmente inclinado a Deus. Logo, Ele tem condições de ligar a humanidade a Deus.

Cristo é também o sacerdote *digno de fé*, donde todo sacerdote deve ter credibilidade para sê-lo, em decorrência de uma sã conduta. É preciso, pela sua vida, ser digno de fé. Se ele é sacerdote, mas tem uma vida contrária àquilo que ele deve significar para o povo, então ele não é *digno de fé*. Não só pela ordenação, mas também pela conduta, o sacerdote deve ser *digno de fé*.

13) “ἴδε ὁ ἀμνὸς τοῦ θεοῦ ὁ αἴρων τὴν ἁμαρτίαν τοῦ κόσμου”.

Misericordioso: essa misericórdia de Cristo foi expressa naquilo que Ele realizou na cruz, oferecendo-se pelos pecadores, segundo a *Carta aos Hebreus*. Conteúdo profundo o dessa *Carta aos Hebreus*, que deita ainda luz à misericórdia, pois que a misericórdia de Cristo é a sua paixão e morte na cruz, pela remissão dos pecadores.

Todo sacerdote deve ser também *misericordioso*, deve ter solidariedade com os pecadores. Contudo, solidariedade com os pecadores, mas nunca com o pecado! Com o pecado não existe solidariedade, existe cumplicidade.

Cristo foi solidário com os pecadores, veio em busca dos pecadores, sofreu por eles, redimiu-os, mas travou uma luta entranhada contra o pecado. E a sua morte na cruz é o “ponto final” dessa luta terrível que Ele travou contra o pecado.

A propósito da misericórdia, conta-se que São João Maria Vianney – célebre por sua doação generosa ao sacerdócio, especialmente no que diz respeito ao sacramento da reconciliação – por vezes, após atender confissões costumava impor penitências leves a pessoas cujos pecados mereciam decerto algo mais pesado ou custoso. Certo dia indagaram o santo acerca da razão pela qual agia desse modo. Ele simplesmente respondeu: “Dou-lhes uma pequena penitência, e o que falta, faço por eles.”¹⁴

Que exemplo de misericórdia, sofrer pelos pecadores! O sacerdote, com efeito, é alguém que deve fazer penitência pelos pecadores, deve sofrer pelos pecadores.

Nossa participação no Sacerdócio de Cristo

Desse sacerdócio de Cristo, único, participam, em primeiro lugar, todos os batizados, pois, por meio deste sacramento, somos inseridos em Cristo, enxertados em Cristo. Pelo Batismo, nós nos tornamos membros da Igreja, que é o corpo de Cristo, sumo Sacerdote. De modo que a Igreja é, por assim dizer, o santuário de Deus no mundo.

A Igreja, enquanto corpo de Cristo sacerdote, exerce uma mediação entre a humanidade e Deus. Por isso é ela chamada de *sacramento universal de salvação* – sinal de salvação para todos os povos. A Igreja é, pois, o povo sacerdotal.

14) Cf. TROUCHU, Francis. *O Cura d’Ars*: São João Batista Maria Vianney. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1960, p. 255.

É justamente isso o que São Pedro afirma logo no início de sua primeira carta: “Vós também vos tornais os materiais deste *edifício espiritual*, um sacerdócio santo, para oferecerdes vítimas espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1Pd 2,5).¹⁵ Tais pedras espirituais são aqueles que renasceram pelas águas do Batismo. E o livro do Apocalipse também afirma que os batizados participam de um “povo sacerdotal” (cf. Ap 1,6; 5,10). Então, todos aqueles que são batizados, tornam-se membros da Igreja sacerdotal.

Ora, qual o sacrifício que o batizado deve oferecer a Deus, como membro da Igreja sacerdotal? Diz São Pedro: “um sacrifício espiritual” (cf. 1Pd 2,5); e São Paulo, na carta aos Romanos, expressa bem a índole desse sacrifício: “Eu vos exorto, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício, vivo, santo, agradável a Deus” (Rm 12,1).¹⁶ Ou seja, São Paulo designa o ser humano em sua totalidade, como tendo uma interioridade, que não vemos, e uma exterioridade, as quais devem ser oferecidas a Deus todos os dias.

Nós não somos criadores de nós mesmos. Não pertencemos a nós mesmos, pertencemos a Deus. Foi Ele quem nos criou. Por isso é que recebemos de Deus o nosso ser, donde a necessidade de retribuímos a Ele tal dádiva.

Aqui está, segundo o meu ver, o modo como os batizados leigos devem oferecer-se a Deus diariamente: dar-lhe o seu ser, a sua vida, os seus sentimentos, a sua liberdade, seus projetos de vida, as suas decisões – oferecendo tudo a Ele, como sacrifício espiritual.

Mas esse sacerdócio comum do povo de Deus, sacerdócio do batizado, dá também o poder de participar da Liturgia. Participar, por exemplo, da Eucaristia, é exercer o sacerdócio decorrente do Batismo. É exercer uma função litúrgica.

Neste contexto, o que vem a ser a Liturgia? Liturgia é a ação do Cristo sacerdote na Igreja. É Cristo sacerdote que continua pela Igreja a sua obra salvífica. Ele é quem preside e nós, pelo Batismo, temos o poder de participar da Liturgia.

15) “καὶ αὐτοὶ ὡς λίθοι ζῶντες οἰκοδομῆσθε οἶκος πνευματικὸς εἰς ἱεράτευμα ἅγιον ἀνενέγκαι πνευματικὰς θυσίας εὐπροσδέκτους θεῷ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ”.

16) “Παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς, ἀδελφοί, διὰ τῶν οἰκτιρμῶν τοῦ θεοῦ παραστήσαι τὰ σώματα ὑμῶν θυσίαν ζῶσαν ἁγίαν εὐάρεστον τῷ θεῷ, τὴν λογικὴν λατρείαν ὑμῶν”.

Eis a razão pela qual, por exemplo, um não batizado não pode compartilhar da Eucaristia, visto que ele não participa do poder sacerdotal conferido pelo Batismo.

Por outro lado, participam do sacerdócio de Cristo, de modo essencialmente diferente, aqueles que receberam o sacramento da Ordem, instituído por Cristo na Última Ceia, em vista da Eucaristia.

Com as mesmas palavras com as quais Ele instituiu a Eucaristia, estabelece o sacerdócio ministerial: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19; 1Cor 11,25).¹⁷ De modo que, através do sacramento da Ordem, o sacerdote é configurado a Cristo *cabeça da Igreja, esposo da Igreja, pastor da Igreja*.

Enquanto *cabeça da Igreja*: aquele que dirige a Igreja;

Enquanto *esposo da Igreja* – e aqui está a razão teológica do celibato, pois o celibato não é simplesmente uma lei eclesiástica, tem um fundamento teológico: o sacerdote participa de Cristo *esposo da Igreja*. Razão pela qual Ele mesmo foi celibatário, virgem. Portanto, o sacerdote participa da missão de Cristo, esposo da Igreja.

Enquanto *pastor da Igreja*: aos sacerdotes, cabem conclusões importantes. Em primeiro lugar, o sacerdote é também pontífice, por participação do único sacerdócio de Cristo, o único Pontífice que liga a humanidade a Deus.

A Eucaristia

A *Carta aos Hebreus* afirma que o corpo e o sangue de Cristo estão disponíveis para nós na Eucaristia.

Logo após a consagração do pão e do vinho, na missa, o sacerdote exclama: “Eis o mistério da fé!”¹⁸

São João Paulo II, na sua última encíclica, *Ecclesia de Eucharistia*,¹⁹ e Bento XVI, na exortação pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*,²⁰ afirmam que a referida exclamação não se trata apenas de um dizer solene, mas de um enlevo, de um arrebatamento. Ora, esse enlevo que o sacerdote sente na celebração da Eucaristia – e que todos nós de algum modo também sentimos

17) “τοῦτο ποιεῖτε εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν”.

18) *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 479.

19) Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*, n. 5 (17 abr. 2003): AAS 95 (2003), 436.

20) Cf. BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*, n. 6 (22 fev. 2007): AAS 99 (2007), 109.

– é um eco do daquele enlevo que os Apóstolos sentiram quando, na Última Ceia, ouviram este mandato de Cristo: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19; 1Cor 11,25).²¹

Jamais os Apóstolos teriam a ousadia de repetir as mesmas palavras de Cristo na Última Ceia, de repetir o mesmo gesto de Cristo na Última Ceia, se não tivessem recebido d’Ele esta ordem: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19; 1Cor 11,25). Por essa razão, logo após Pentecostes, os Apóstolos passaram a levar a Eucaristia para as Igrejas que eles fundavam: o mistério da fé os impelia!

Com efeito, *mistério* é um evento salvífico que é revelado. E a Eucaristia, enquanto memorial do santo sacrifício do Calvário, é o evento mais importante na *história da Salvação*, o evento salvífico mais importante. Por isso mesmo, a Eucaristia ter sido prefigurada e anunciada profeticamente no Antigo Testamento. É lá que se inicia o longo itinerário preparatório para a instituição da Eucaristia.

A Eucaristia foi de modo mais perfeito preparada durante o ministério público de Jesus, por atos e por palavras, e foi instituída por Ele na Última Ceia; foi levada pelos Apóstolos às Igrejas por eles fundadas; e, através da *Tradição Apostólica* – daquela compreensão continuada da Revelação que vem desde os Apóstolos até aos dias de hoje –, a Eucaristia, e sua riqueza, foi sendo cada vez mais descoberta pela Igreja. De tal modo que a Eucaristia expressa a identidade da Igreja – a Igreja é comunhão –, por ser também a fonte da espiritualidade da Igreja.

Em primeiro lugar, a Eucaristia, como evento mais importante da *história da Salvação*, foi prefigurada e anunciada profeticamente no Antigo Testamento. Para compreendermos este fato, temos que partir do seguinte: o Antigo e o Novo Testamento registram a *única história da Salvação*. De modo que fatos acontecidos no Antigo Testamento foram uma prefiguração, um anúncio de realidades do Novo Testamento: a Páscoa judaica, uma profecia da Páscoa cristã; o dilúvio, em cujas águas foi afogada a humanidade pecadora, uma profecia do Batismo, de acordo com a primeira carta de São Pedro (cf. 1Pd 3,21).

E assim, então, nós encontramos no Antigo Testamento diversos anúncios proféticos da Eucaristia. Por exemplo, o pão e o vinho que Melquisedeque ofereceu a Deus pela vitória de Abraão (cf. Gn 14,18). A *Carta aos Hebreus* (cf. Hb 5–7) chama Melquisedeque de sacerdote do Deus

21) “τοῦτο ποιεῖτε εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν”.

altíssimo, e vê em Melquisedeque a novidade do sacerdócio de Cristo: o sacerdócio de Cristo não é segundo a ordem de Aarão, mas é um sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque.

O sacerdócio de Aarão era terreno; o de Melquisedeque, segundo o autor da *Carta aos Hebreus*, é de certo modo divino, porque as Sagradas Escrituras não aludem à genealogia de Melquisedeque – não falam que ele teve mãe, pai ou irmãos; não fala de seu nascimento ou de sua morte. Então, o sacerdócio de Melquisedeque foi de origem divina. Em virtude disso, a Liturgia afirma, repetindo as palavras do salmo 109: “Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (cf. Sl 109/110,4), e não segundo a ordem de Aarão, de Levi. E ainda mais, Melquisedeque oferece como sacrifício não o sangue de animais, mas um sacrifício novo: o pão e o vinho.

Por isso mesmo a Liturgia cristã vê nesse sacrifício de Melquisedeque uma profecia da Eucaristia. Na primeira *Oração Eucarística* (ou *Cânon Romano*), a de conteúdo teológico mais profundo, afirma-se: “Recebei, ó Pai, esta oferenda, como recebestes a oferta de Abel, o sacrifício de Abraão e os dons de Melquisedeque”.²² Logo, temos o primeiro anúncio da Eucaristia no Antigo Testamento. O segundo anúncio da Eucaristia no Antigo Testamento foi o maná, que cada manhã caía do céu – o “pão vindo do céu” (cf. Ex 16,4; Sl 77/78,24; Jo 6,31-33) – para alimentar o povo de Israel em sua caminhada pelo deserto.

O próprio Cristo, no capítulo sexto do Evangelho de São João, vê no maná do Antigo Testamento uma profecia da Eucaristia: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo” (cf. Jo 6,51).²³ É o novo maná, que dá a vida eterna!

Ainda no Antigo Testamento, aquele pão misterioso que alimentou o profeta Elias (conforme o primeiro livro dos Reis) durante sua fuga da rainha Jezabel, quando precisou esconder-se dela, para não ser morto. À sombra de um junípero, cansado, ele pede a morte, e durante o sono, por duas vezes, ele ouve uma voz misteriosa que lhe diz: “Levanta-te e come, porque tens um longo caminho a percorrer” (cf. 1Rs 19,7).²⁴ E quando ele ouviu a voz pela segunda vez, ele acordou, e viu ao seu lado, além de uma jarra de água, um

22) *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 474.

23) “ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος ὁ ζῶν ὁ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καταβάς: ἔάν τις φάγη ἐκ τούτου τοῦ ἄρτου ζήσει εἰς τὸν αἰῶνα, καὶ ὁ ἄρτος δὲ ὃν ἐγὼ δώσω ἡ σὰρξ μου ἐστὶν ὑπὲρ τῆς τοῦ κόσμου ζωῆς”.

24) “וַיִּשְׁבֹּב מִלְאָךְ הַיְהוָה וַיְהִי וַיִּשְׁנֶה וַיִּגְעַע-בּוֹ וַיִּמְרָק קוֹם אֲכַל כֵּי-רַב מִמֶּה הַדָּרָה”.

eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus!” (Jo 6,68-69).²⁹ Então, Pedro compreendeu que Cristo anunciava uma palavra divina e criadora.

Ainda nesta esteira, narra o Evangelho de São João que Jesus conhecia o interior daqueles que não criam, e daquele que o havia de trair. Então, esta narrativa dá a entender que a primeira vez que Judas pensou em trair Jesus, foi ao ouvir a promessa da Eucaristia.

E foi justamente durante a instituição da Eucaristia na Última Ceia que Judas consuma sua traição, abandonando Jesus e os Apóstolos, mergulhando na “noite escura” (cf. Jo 13,30), para colocar “ponto final” na sua traição.

A Eucaristia anunciada profeticamente no Antigo Testamento, sua instituição preparada por Jesus durante seu ministério público, deu-se na Última Ceia. O texto mais antigo a respeito desse fato, no Novo Testamento, é o capítulo 11 da primeira carta de São Paulo aos Coríntios,³⁰ embora os Sinópticos também narrem tal fato. O quarto Evangelho, em vez de referir-se a este fato, narra o “lava-pés” (cf. Jo 13,1-20), embora com uma conotação eucarística. À semelhança da Eucaristia, o “lava-pés” expressa a doação de Jesus até a morte, com o fim de tornar-se um *memorial* na Igreja: “Se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns dos outros” (Jo 13,14).³¹

Portanto, São João vai falar da Eucaristia não na Última Ceia, mas no discurso do “pão da vida”, conforme já nos referimos.

Tomemos agora a versão de São Mateus: “Durante a refeição, Jesus tomou o pão, benzeu-o – “*eucaristizou*”, conforme o vocábulo grego³² –, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: “Tomai e comei, isto é meu corpo”.

29) “ἀπεκρίθη αὐτῷ Σίμων Πέτρος· κύριε, πρὸς τίνα ἀπελευσόμεθα; ῥήματα ζωῆς αἰωνίου ἔχεις, καὶ ἡμεῖς πεπιστεύκαμεν καὶ ἐγνώκαμεν ὅτι σὺ εἶ ὁ ἅγιος τοῦ θεοῦ”.

30) “Eu recebi do Senhor o que vos transmiti: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, depois de ter dado graças, partiu-o e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é entregue por vós; fazei isto em memória de mim’. Do mesmo modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei-o em memória de mim’” (1Cor 11,23-25): “Ἐγὼ γὰρ παρέλαβον ἀπὸ τοῦ κυρίου, ὃ καὶ παρέδωκα ὑμῖν, ὅτι ὁ κύριος Ἰησοῦς ἐν τῇ νυκτὶ ἣ παρεδίδοτο ἔλαβεν ἄρτον καὶ εὐχαριστήσας ἐκλάσεν καὶ εἶπεν· τοῦτό μου ἐστὶν τὸ σῶμα τὸ ὑπὲρ ὑμῶν· τοῦτο ποιεῖτε εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν. ὡσαύτως καὶ τὸ ποτήριον μετὰ τὸ δειπνῆσαι λέγων· τοῦτο τὸ ποτήριον ἡ καινῆ διαθήκη ἐστὶν ἐν τῷ ἐμῷ αἵματι· τοῦτο ποιεῖτε, ὡσαύτως ἕαν πίνητε, εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν”.

31) “εἰ οὖν ἐγὼ ἔνιψα ὑμῶν τοὺς πόδας ὁ κύριος καὶ ὁ διδάσκαλος, καὶ ὑμεῖς ὀφείλετε ἀλλήλων νίπτειν τοὺς πόδας”.

32) “Εὐχαριστήσας”, donde a palavra eucaristia para designar esta Ceia.

Tomou depois o cálice, rendeu graças e o deu a eles, dizendo: “Bebei dele todos, porque isto é meu sangue, o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos homens em remissão dos pecados (cf. Mt 26,26-28).³³

É interessante notar que São Jerônimo tenha traduzido na *Vulgata* por “*sangue da Nova Aliança*”,³⁴ embora Mateus e Marcos não aludam a tal termo, mas apenas Lucas. Com efeito, o texto mais antigo sobre a Eucaristia, o capítulo 11 da primeira carta de São Paulo aos Coríntios, refere-se ao “*sangue da Nova Aliança*” (cf. 1Cor 11,25).³⁵ Razão pela qual São Jerônimo assim o traduziu.

Mas o evangelista prossegue: “Doravante não beberei mais desse fruto da vinha, até o dia em que beberei de novo convosco no reino de meu Pai” (Mt 26,29).³⁶ Então, a Eucaristia não foi instituída durante uma ceia comum, mas durante uma ceia ritual, uma ceia sagrada, uma ceia Pascal. E, nela, Cristo tomou o pão e um cálice com vinho, para simbolizar a unidade da Igreja, a comunhão.

Ao instituir a Eucaristia, Cristo revelou o sentido teológico do Calvário. Sem a instituição da Eucaristia, o Calvário não teria sentido. Seria, em contrapartida, o fracasso da missão de Cristo. E ainda mais, para os judeus, ser crucificado era sinal de que a pessoa tinha sido abandonada e amaldiçoada por Deus. Por isso mesmo, quando Cristo revelou-Se de origem divina, os chefes religiosos pensaram: “Vamos crucificá-lo” (cf. Jo 7,1; 11,53; Mt 12,14), pois aí estaria a prova da maldição de Deus, porquanto seria um falso Messias.

E em contraposição a isto é que São Paulo vai afirmar na carta aos Gálatas: “Cristo fez-se maldição por nós” (cf. Gl 3,13),³⁷ permitindo crucificar-Se; mas que, na Eucaristia, Cristo revelou o sentido novo do Calvário, já não mais o da maldição, mas o do amor, ao oferecer a sua vida

33) “Εσθιόντων δὲ αὐτῶν λαβὼν ὁ Ἰησοῦς ἄρτον καὶ εὐλογήσας ἔκλασεν καὶ δούς τοῖς μαθηταῖς εἶπεν· λάβετε φάγετε, τοῦτό ἐστιν τὸ σῶμά μου. καὶ λαβὼν ποτήριον καὶ εὐχαριστήσας ἔδωκεν αὐτοῖς λέγων· πίετε ἐξ αὐτοῦ πάντες, τοῦτο γάρ ἐστιν τὸ αἷμά μου τῆς διαθήκης τὸ περὶ πολλῶν ἐκχυννόμενον εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν”.

34) “Hic est enim sanguis meus novi testamenti qui pro multis effunditur in remissionem peccatorum” (Mt 26,28).

35) “Τοῦτο τὸ ποτήριον ἢ καινῆ διαθήκη ἐστὶν ἐν τῷ ἐμῷ αἵματι· τοῦτο ποιεῖτε, ὡσάκις ἐὰν πίνητε, εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν”.

36) “οὐ μὴ πῖω ἀπ’ ἄρτι ἐκ τούτου τοῦ γενήματος τῆς ἀμπέλου ἕως τῆς ἡμέρας ἐκείνης ὅταν αὐτὸ πίνω μεθ’ ὑμῶν καινὸν ἐν τῇ βασιλείᾳ τοῦ πατρὸς μου”.

37) “Χριστὸς ἡμᾶς ἐξηγόρασεν ἐκ τῆς κατάρας τοῦ νόμου γενόμενος ὑπὲρ ἡμῶν κατάρα, ὅτι γέγραπται· επικατάρατος πᾶς ὁ κρεμιάμενος ἐπὶ ξύλου”.

a Deus Pai, em nosso favor, realizando uma “nova e eterna aliança” de Deus com a humanidade.

Assim, é partir da Eucaristia que nós compreendemos o sentido novo do Calvário, motivo pelo qual ela é o memorial do sacrifício de Cristo.

Ao dizer “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19; 1Cor 11,25),³⁸ Cristo instituiu também o sacramento da Ordem, como já mencionado. Ora, Cristo dá aos Apóstolos o mandato e o poder eles fazerem a mesma coisa que Ele estava fazendo: transubstanciar o pão e o vinho em seu corpo e sangue.

E conforme nos referimos acima sobre as palavras de São Mateus, afirma o texto: “Doravante não beberei mais desse fruto da vinha, até o dia em que beberei de novo convosco no reino de meu Pai” (Mt 26,29).³⁹ Logo, a instituição da Eucaristia foi a última refeição feita por Cristo neste mundo com seus discípulos, e esta última refeição anuncia aquela definitiva nos céus. A vida eterna, com efeito, é comparada com uma festa, um banquete; e por isso, todas as vezes que a Eucaristia é celebrada, afirmamos: “Vem Senhor Jesus”, com o fito de anunciarmos a volta definitiva de Cristo ao mundo, pois é a Igreja que deseja encontra-se terminantemente com o seu esposo.

Donde os cristãos, segundo o livro do Apocalipse (cf. Ap 22,20), ao participarem da Eucaristia, proclamarem: *Maranathá* (do hebraico *mārān'ātā*, “vem Senhor Jesus!”).⁴⁰ Todas as vezes que a Eucaristia é celebrada, deseje-se, portanto, o nosso encontro definitivo com nosso Senhor. Eis a beleza da Eucaristia!

Conforme mencionado, a Eucaristia foi levada pelos Apóstolos às Igrejas por eles fundadas após Pentecostes, conforme alude São Paulo na mencionada carta aos Coríntios (cf. 1Cor 11,23). Nela, o Apóstolo refere-se a uma catequese inicial sobre a Eucaristia, feita por ele à comunidade de Corinto, quando ali passou por primeira vez, em torno do ano 50 ou 52.

38) “τοῦτο ποιεῖτε εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν”.

39) “οὐ μὴ πῖω ἀπ’ ἄρτι ἐκ τούτου τοῦ γενήματος τῆς ἀμπέλου ἕως τῆς ἡμέρας ἐκείνης ὅταν αὐτὸ πίνω μεθ’ ὑμῶν καινὸν ἐν τῇ βασιλείᾳ τοῦ πατρὸς μου”.

40) Cf. DEN BORN, Van. Em geral, nas versões portuguesas mais recentes da Bíblia, no livro do Apocalipse, a expressão aparece já traduzida: “Λέγει ὁ μαρτυρῶν ταῦτα· ναί, ἔρχομαι ταχύ. Ἀμήν, ἔρχου κύριε Ἰησοῦ”. Na primeira carta aos Coríntios ela aparece na forma original: “Εἶ τις οὐ φιλεῖ τὸν κύριον, ἴτω ἀνάθεμα. μαράνα θά” (1Cor 16,22) – מרן מהא.

Afirma: “Eu recebi do Senhor o que vos transmiti: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão...” (1Cor 11,23)⁴¹ – narrando tudo quanto está contido nos Sinópticos.

Logo, tanto os Sinópticos, quanto São Paulo, quando falam da instituição da Eucaristia, visam citar a traição de Judas. Por quê? Porque a instituição da Eucaristia foi a resposta de amor de Jesus à traição de Judas.

Nesta linha, assevera o Apóstolo: “Eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo havia recebido” (1Cor 15,3).⁴² Ora, Paulo não esteve presente na Última Ceia. Como pode ele afirmar tal coisa? Ele pode afirmar com todo o propósito, pois recebeu o relato de tudo através da *Tradição dos Apóstolos*. Por isso mesmo São João Paulo II, em sua Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, comentará que a eucaristia é apostólica, porque foi instituída por Cristo e entregue aos Apóstolos, que levaram às Igrejas por eles fundadas. A Eucaristia é ainda apostólica porque ela só pode ser presidida pelo sucessor dos Apóstolos, que é o bispo, ou pelo presbítero, que é cooperador necessário do bispo – ligado de certo modo à sucessão apostólica, através do bispo.⁴³

Destarte, Paulo mostra claramente que a Eucaristia não é de instituição humana; não foi estabelecida nem por ele nem por nenhum Apóstolo, mas por Cristo, na Última Ceia, e entregue aos Apóstolos, para que a celebrassem. Por isso a sua preocupação em assegurar que “Eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo havia recebido – linguagem técnica para expressar *Tradição Apostólica* –: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressurgiu ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4),⁴⁴ não era lavra sua, mas tratava-se de uma *linguagem apostólica*, recebida por *Tradição Apostólica*, cuja origem é o próprio Cristo.

No entanto, dentro da Igreja Primitiva, a Eucaristia e a sua riqueza vão sendo descobertas pouco a pouco – num modo continuado da Revelação –, desde os Apóstolos até nós. Como prova disso, cito testemunhos da *Tradição Apostólica*:

1º) Didaqué: escrita na primeira metade do século do II;

2º) São Justino: da segunda metade do século II;

3º) Santo Irineu: do final do século II e início do século III.

41) “Ἐγὼ γὰρ παρέλαβον ἀπὸ τοῦ κυρίου, ὃ καὶ παρέδωκα ὑμῖν, ὅτι ὁ κύριος Ἰησοῦς ἐν τῇ νυκτὶ ἣ παρέδίδοτο ἔλαβεν ἄρτον”.

42) “παρέδωκα γὰρ ὑμῖν ἐν πρώτοις, ὃ καὶ παρέλαβον”.

43) Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*, n. 26-28 (17 abr. 2003): AAS 95 (2003), 451-452.

44) “παρέδωκα γὰρ ὑμῖν ἐν πρώτοις, ὃ καὶ παρέλαβον, ὅτι Χριστὸς ἀπέθανεν ὑπὲρ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν κατὰ τὰς γραφὰς καὶ ὅτι ἐτάφη καὶ ὅτι ἐγήγερται τῇ ἡμέρᾳ τῇ τρίτῃ κατὰ τὰς γραφὰς”.

1º) A *Didaqué*: texto assaz importante da *Tradição Apostólica*, que registra uma *Oração Eucarística* – prece central da missa – que servirá de inspiração para a atual *segunda Oração Eucarística do Missal Romano*,⁴⁵ e que, ademais, mostra como a Eucaristia, na Igreja Primitiva, era celebrada no “dia do Senhor”,⁴⁶ ou seja, no domingo, conforme aquilo do Apocalipse: “No *dia do Senhor* – domingo – tive uma visão (fui arrebatado em êxtase)” (cf. Ap 1,10).⁴⁷ Mas a *Didaqué* mostra inclusive a relação entre o Batismo e a Eucaristia,⁴⁸ sacramentos da iniciação cristã.

Pela razão nela exposta, aqueles que não foram batizados não podem partilhar da Eucaristia, visto que a Igreja é um povo sacerdotal, e só aqueles que participam, pelo Batismo, do sacerdócio de Cristo é que podem comungar. E ainda, “somente aqueles que são santos, se aproximem da Eucaristia”,⁴⁹ ou seja, somente aqueles que estão em *estado de graça* é que podem participar do sagrado banquete. Caso contrário, que façam penitência.

É interessante notar inclusive o significado do título desse precioso exemplar da *Tradição Apostólica*, *Διδαχή κυρίου διὰ τῶν δώδεκα ἀποστόλων τοῖς ἔθνεσιν*, isto é, “a doutrina do Senhor por meio dos doze Apóstolos às nações”. Note-se, portanto, a *Tradição*: ensinamento do Senhor Jesus, mas que é levado aos outros, aos pagãos, através dos Apóstolos.

A *Didaqué* ainda afirma que a Eucaristia expressa a comunhão da Igreja: os grãos de trigo colhidos no campo, uma vez amassados, formam um único pão; os bagos de uva, colhidos no campo, uma vez amassados com os pés – como se fazia naqueles tempos –, formam um único vinho; assim é a vossa Igreja.⁵⁰ Logo, este texto mostra que a Igreja não é uma monarquia, não é uma oligarquia, não é uma democracia – todas estas categorias políticas não servem para a compreensão da Igreja –, pois ela é *comunhão*.

45) Cf. *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 477-481. Cf. *etiam: Did.*, IX-X (SCh 248bis, 174-182).

46) Cf. *Did.*, XIV, 1 (SCh 248bis, 192): “Κατὰ κυριακὴν δὲ κυρίου συναχθέντες κλάσατε ἄρτον καὶ εὐχαριστήσατε”.

47) “ἔγενόμην ἐν πνεύματι ἐν τῇ κυριακῇ ἡμέρᾳ”.

48) Cf. *Did.*, IX, 5 (SCh 248bis, 176): “Μηδεὶς δὲ φαγέτω μηδὲ πίετω ἀπὸ τῆς εὐχαριστίας ὑμῶν, ἀλλ’ οἱ βαπτισθέντες εἰς ὄνομα κυρίου”.

49) Cf. *ibid.*, IX, 6 (SCh 248bis, 180): “Εἴ τις ἅγιός ἐστιν, ἐρχέσθω· Εἴ τις οὐκ ἔστι, μετανοεῖτω”. (Literalmente: “Se alguém é santo, que ele venha! Se alguém não o é, que ele faça penitência [ou: se converta]!”)

50) Cf. *ibid.*, IX, 4 (SCh 248bis, 176).

Comunhão que nasce da comunhão com Cristo; comunhão que tem a sua fonte na Eucaristia!

Por fim, a *Didaqué* fala do pão e o do vinho “eucaristizados”,⁵¹ como alimentos espirituais. Cita as palavras de Malaquias, no Antigo Testamento, como profecia da Eucaristia: “Porque, do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações e em todo lugar se oferecem ao meu nome o incenso, sacrifícios e oblações puras” (Ml 1,11).⁵² A *Didaqué* vê, pois, nessas palavras uma profecia da Eucaristia.⁵³

2º) O testemunho de *São Justino*: leigo da comunidade de Roma convertido ao Cristianismo, cuja vida recorda traços da vida que levaria mais tarde Santo Agostinho, pois após passar por diversas filosofias procurando a Verdade, encontrou-a apenas no Evangelho de Jesus Cristo: única filosofia que deve verdadeiramente guiar a vida dos homens.

Por causa disso, Justino fundou em Roma uma escola para ensinar a verdadeira filosofia, que é o Evangelho. Além disso, diante da perseguição dos imperadores romanos, Justino foi um apologista, o que lhe valeu o martírio, conforme recolhido pelo Martirológio.⁵⁴

Justino então descreve a Liturgia Eucarística na comunidade de Roma, que se reunia aos domingos para celebrá-la. Porque o domingo é dia que recorda a primeira criação, a do mundo, e a segunda criação, a Ressurreição de Cristo. Donde a razão teológica de nós cristãos celebrarmos a Eucaristia sobretudo no domingo.⁵⁵

Ao presidente da assembleia eucarística são levados pão, vinho e água.⁵⁶ Quanto a este último dom, até hoje misturado ao vinho que vai ser

51) Cf. *ibid.*, IX, 3 (Sch 248bis, 176).

52) “כִּי מִמְזֻרָה שְׁמִי וְעַד-מְבוּאָה יִגְדֹל שְׁמִי בְּבָאִים וּבְכָל-מְקוֹם מְקַטֵּר מִגֶּשֶׁם לְשֵׁמִי וּמִנְחָה יִשְׁחַדוּהָ כִּי-יִגְדֹל שְׁמִי בְּבָאִים אֲמַר יְהוָה צְבָאוֹת”.

53) Cf. *ibid.*, XIV, 3 (Sch 248bis, 192).

54) Cf. *Martyrologium Romanum*. Città del Vaticano: LEV, 2004, p. 315: “[1 jun., 1]. Memória sancti Iustini, Mártyris, qui philosophos veram sapiéntiam in Christi veritate ágnitam íntegre secútus est atque móribus asséruitm assértam dócuit, scriptis propugnávit, morte Romæ complévit sub Marco Aurélio Antonino imperatóre. Cum enim Apológiam pro religióne christiána imperatori porrexisset et coram Rústico præfécito tráditus se christiánum professus est, cápite damnátus est”.

55) JUSTINO. *Apol.*, I, 67, 8 (Sch 507, 310): “Τὴν δὲ τοῦ ἡλίου ἡμέραν κοινῆ πάντες τὴν συνἔλευσιν ποιούμεθα, ἐπειδὴ πρώτη ἐστὶν ἡμέρα, ἐν ἣ ὁ θεός τό σκότος καὶ τὴν ὕλην τρέψας κόσμον ἐποίησε, καὶ Ἰησοῦς Χριστός ὁ ἡμέτερος σωτὴρ τῆ αὐτῆ ἡμέρα”.

56) *Ibid.*, I, 67, 5 (Sch 507, 310): “παυσάμενων ἡμῶν τῆς εὐχῆς ἄρτος προσφέρεται καὶ οἶνος καὶ ὕδωρ, καὶ ὁ προεστὼς εὐχῆς ὁ μοίως καὶ εὐχαριστίας”.

consagrado, quer simbolizar a participação de toda a criação no sacrifício de Cristo, durante a Eucaristia.

É pelo testemunho de São Justino que conhecemos o primitivo costume de, ao final da celebração, os diáconos distribuírem a Eucaristia ao povo e, em seguida, aos doentes.⁵⁷

Por fim, à semelhança da Didaqué, o apologista vê naquelas mesmas palavras de Malaquias, “em todo tempo e lugar, será oferecido um sacrifício único” (cf. MI 1,11), o anúncio da Eucaristia proferido no Antigo Testamento.⁵⁸

3º) O testemunho de *Santo Irineu*: grande teólogo, nascido em Esmirna, na Ásia Menor, discípulo de Policarpo que, a seu turno, foi discípulo de João – repare-se a grande ligação de Santo Irineu com os Apóstolos. De Esmirna, ele veio para Roma; e de Roma, para Lyon, na França.

Em Lyon, foi ordenado presbítero e, mais tarde, bispo. Ele deixou-nos duas grandes obras. A primeira delas, *Adversus hæreses*, contra os gnósticos. Terríveis hereges que propagaram sobretudo durante os primórdios do Cristianismo que a humanidade de Cristo não havia sido real, mas apenas aparente: “A carne não pode ser salva, pois não serve para nada; o corpo não pode ser salvo”.⁵⁹

A segunda grande obra de Irineu é uma espécie de Catecismo, a *Demonstração da Pregação Apostólica (Ostensio Apostolicæ Prædicationis)*,⁶⁰ obra que, juntamente com o *Adversus hæreses*, estabelece uma importante relação entre a Eucaristia e a Ressurreição. De fato, como o corpo não pode ser salvo, se ele recebe a Eucaristia? Se ele é alimentado pela Eucaristia?⁶¹ Ainda mais, a Eucaristia é também prova da Ressurreição. De fato, “quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,53).⁶² Ademais, Irineu fala também da *ἐπίκλησις epiclesis*⁶³

57) Ibid.: “καὶ τοῖς οὐ παροῦσι διὰ τῶν διακόνων πέμπεται”.

58) Id. *Dialog. cum Tryphone*, 41 (PG 6, 564).

59) IRINEU DE LYON. *Adv. Hær.* V, 2, 2 (Sch 153, 31-33): “Μάταιοι δὲ παντελῶς οἱ τὴν πᾶσαν οἰκονομίαν ἄθετοῦντες τοῦ Θεοῦ καὶ τὴν τῆς σαρκὸς σωτηρίαν ἀρνοῦμενοι καὶ τὴν παλιγγενεσίαν αὐτῆς ἀτιμάζοντες, μὴ εἶναι δεκτικὴν αὐτὴν λέγοντες τῆς ἀφθαρσίας”.

60) Cf. id. *Démonstration de la Prédication Apostolique*. Trad. Adelin Rousseau. Paris: Cerf, 2011 (*Sources Chrétiennes*, 406).

61) Cf. id. *Adv. Hær.* V, 2, 2 (Sch 153, 31-33).

62) “εἶπεν οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς: ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐὰν μὴ φάγητε τὴν σάρκα τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου καὶ πῖντε αὐτοῦ τὸ αἷμα, οὐκ ἔχετε ζωὴν ἐν ἑαυτοῖς”.

63) Cf. IRINEU DE LYON. *Adv. Hær.* I, 13, 2 (Sch 264, 190-192).

– a invocação do Espírito Santo – para que o pão e o vinho se transformem no corpo e no sangue de Cristo. Com acerto, o Espírito Santo é o grande protagonista da Eucaristia.

Nesta esteira, convém notar que, antes do Concílio Vaticano II, somente as Liturgias Orientais é que traziam a *epiclese*. A partir de então é que, na Liturgia Latina, foi introduzida também esta *invocação do Espírito Santo*, antes das palavras da transubstanciação do pão e do vinho, na missa.

Finalmente, à semelhança das anteriores fontes citadas, Santo Irineu alude à profecia de Malaquias, como sendo referente à Eucaristia.⁶⁴

Tal é a compreensão continuada da Eucaristia, até aos dias de hoje.

Desse modo, se analisarmos a última encíclica de São João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*,⁶⁵ veremos que ela acrescenta aspectos novos na compreensão da Eucaristia, embora dentro da continuidade de tudo aquilo que vem dos Apóstolos, da Tradição.

Por conseguinte, a nossa compreensão da Palavra de Deus faz-se através da *Tradição Apostólica*, a ponte que percorremos para chegar a compreender a Palavra de Deus.

Conclusão

A Eucaristia expressa a identidade da Igreja: comunhão. Todas as vezes que a Igreja celebra a Eucaristia, ela expressa sua identidade, que é comunhão; Ela cresce na consciência de sua identidade, que é comunhão.

Por isso, a Eucaristia é a fonte da espiritualidade cristã.

Em primeiro lugar, o ser humano é, por natureza, um ser espiritual, basta recordar a antropologia de São Paulo, na qual elenca as três dimensões existentes no homem (cf. Ts 5,23)⁶⁶:

1º) A dimensão corporal – σῶμα, em grego;

2º) A dimensão psíquica – ψυχή, em grego: alma;

3º) A dimensão espiritual – πνεῦμα, que é, antes de tudo, o espírito.

Não se trata do Espírito Santo, mas sim aquele núcleo do nosso interior aberto à comunicação com Deus.

64) Cf. *ibid.*, IV, 17, 5 (SCh 100, 592).

65) Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Op. cit.

66) “Αὐτὸς δὲ ὁ θεὸς τῆς εἰρήνης ἀγάσῃ ὑμᾶς ὀλοτελεῖς, καὶ ὀλόκληρον ὑμῶν τὸ πνεῦμα καὶ ἡ ψυχὴ καὶ τὸ σῶμα ἀμέμπτως ἐν τῇ παρουσίᾳ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ τηρηθεῖν”.

Por isso mesmo, Deus, que não cabe em todo o Universo, cabe em nosso interior, dado termos uma dimensão espiritual. Destarte, Cristo afirmou na Última Ceia: “Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos a nossa morada” (Jo 14,23),⁶⁷ morada nesse mundo espiritual que temos dentro de nós.

São Paulo, com efeito, irá afirmar aos Coríntios: “Não sabeis que sois templo de Deus, e que o Espírito Santo habita em Vós?” (1Cor 3,16)⁶⁸ – que habita a comunidade, e cada membro da comunidade. E São Paulo, na carta aos Romanos ainda afirmará que o Espírito Santo (πνεῦμα) se une ao nosso espírito (πνεύματι ἡμῶν) (cf. Rm 8,16). Ou seja, se torna presente nesse núcleo espiritual que nós temos. É nesse núcleo espiritual que nós nos tornamos templos do Espírito Santo.

Portanto, antropológicamente, o homem é um ser espiritual, pois possui um núcleo espiritual mediante o qual ele pode se comunicar com Deus, sendo-Lhe habitação (por meio do Batismo). Desse modo, pelo fato de o homem ser criatura de Deus, afirmamos não apenas sua *existência*, mas afirmamos de modo especial ter sido ele criado para relacionar-se com Deus, através de uma *comunhão* entre criador e criatura.

Ora, nesse mundo, não existe modo mais perfeito de comunhão com Deus do que a Eucaristia. Razão pela qual a Eucaristia é o centro da vida da Igreja, a fonte da espiritualidade da Igreja.

Toda espiritualidade precisa estar articulada com a Eucaristia e, também, com a “mulher eucarística”, Maria Santíssima. Onde São João Paulo II haver afirmado:

De certo modo, Maria praticou a sua *fé eucarística* ainda antes de ser instituída a Eucaristia, quando *ofereceu o seu ventre virginal para a encarnação do Verbo de Deus*. A Eucaristia, ao mesmo tempo que evoca a paixão e a ressurreição, coloca-se no prolongamento da encarnação. E Maria, na anunciação, concebeu o Filho divino também na realidade física do corpo e do sangue, em certa medida antecipando n’Ela o que se realiza sacramentalmente em cada crente quando recebe, no sinal do pão e do vinho, o corpo e o sangue do Senhor.⁶⁹

67) “ἐάν τις ἀγαπᾷ με τὸν λόγον μου τηρήσει, καὶ ὁ πατήρ μου ἀγαπήσει αὐτὸν καὶ πρὸς αὐτὸν ἐλευσόμεθα καὶ μονὴν παρ’ αὐτῷ ποιησόμεθα”.

68) “Οὐκ οἶδατε ὅτι ναὸς θεοῦ ἐστε καὶ τὸ πνεῦμα τοῦ θεοῦ οἰκεῖ ἐν ὑμῖν;”.

69) Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*, n. 55 (17 abr. 2003): AAS 95 (2003), 470.

Logo, o Pontífice proclama a Virgem Maria como mulher eucarística.

A espiritualidade eucarística tem diversas expressões. A primeira dela, fazer da própria vida uma *oferta a Deus* – uma eucaristia; em seguida, o mandamento novo, “como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,34)⁷⁰ – amar ao modo de Deus. Santo Agostinho afirma que esse mandamento é um *mandamento novo* porque quem vive este mandamento torna-se uma *nova criatura*.⁷¹

Outra expressão da espiritualidade eucarística é a *missão*: origem e “encontro com Cristo ressuscitado” – nos dizeres de São João Paulo II, na exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*.⁷² Dado que, quem se encontra realmente com nosso Senhor, torna-se seu anunciador. Ora, como encontrar-se com Cristo, se não na Eucaristia?

Logo, receber a Eucaristia é tornar-se também missionário de Cristo, visto que qualquer missão tem sua origem na Eucaristia: além de ela alimentar a missão, os missionários devem estar sempre orientados a ela.

Para concluir, convém ainda ressaltar a beleza da Liturgia – sobretudo da liturgia eucarística – como expressão da espiritualidade. A beleza da Liturgia, como afirmou o recém falecido Papa Bento XVI – íntimo amigo dos Arautos do Evangelho –, “não é um adorno da celebração da Eucarística, antes, pertence à natureza da Eucaristia”.⁷³ Nesta linha, recordemos que a Eucaristia foi instituída numa sala bela – sala superior da casa, ornada – e, embora durante quase dois séculos, a Igreja não tenha tido templos próprios, e por isso celebrava a Eucaristia em casas, quando ela começou a edificar os próprios templos, eram, sob o ponto de vista arquitetônicos belos, pela razão de ali desejarem celebrar a Eucaristia. Portanto, a beleza do templo deve-se à beleza intrínseca da Eucaristia.

70) “Εντολήν καινήν δίδωμι ὑμῖν, ἵνα ἀγαπᾶτε ἀλλήλους, καθὼς ἠγάπησα ὑμᾶς ἵνα καὶ ὑμεῖς ἀγαπᾶτε ἀλλήλους”.

71) Cf. AGOSTINHO DE HIPONA. In *Johan.*, LXV, 1 (PL 35, 1808): “Dominus Jesus mandatum novum se discipulis suis dare testatur, ut diligant invicem: *Mandatum*, inquit, *novum do vobis, ut diligatis invicem*. Nonne jam erat hoc mandatum in antiqua Dei lege, ubi scriptum est: *Diliges proximum tuum tamquam teipsum* (Levit. XIX, 18)? Cur ergo novum appellatur a Domino, quod tam vetus esse convincitur? An ideo est mandatum novum, quia exuto vetere induit nos hominem novum? Innovat quippe audientem, vel potius obedientem, non omnis, sed ista dilectio quam Dominus ut a carnali dilectione distingueret, addidit, *sicut dilexi vos*. [...] Dilectio ista nos innovat, ut simus homines novi, haeredes Testamenti Novi, cantatores cantici novi”.

72) Cf. JOÃO PAULO II. *Ecclesia in America*, n. 4 (22 jan. 1999): AAS 91 (1999), 739-740: “El encuentro com el Señor resucitado, verdadera, real y substancialmente presente em la Eucaristia”.

73) BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*, n. 35 (22 fev. 2007): AAS 99 (2007) 134: “Pulchritudo idcirco non decorum quiddam actionis liturgicae, sed potius ipsius constitutionis est pars”.

A Liturgia estabelecida pela Igreja é bela por si mesma – basta fazê-la com fé e compenetração. Nós não podemos, portanto, acrescentar ou suprimir nada. Imagine-se, a título de comparação, que algum de nós quisesse retocar um dos famosos quadros de Rafael,⁷⁴ da Renascença, supondo melhorá-lo, colocando-lhe mais tinta... Que estaria fazendo, senão estragando o quadro?

Quando alguém pretende acrescentar ou suprimir algo na Liturgia, por conta própria, está executando um desserviço, dado ser ela bela por si mesma.

Enfim, uma outra expressão da espiritualidade Eucarística é o culto: a Eucaristia é um sacramento permanente; a presença real continua mesmo após a missa, no pão e no vinho consagrados, daí surgiu o culto à Eucaristia, pelo fato de ela ser um *sacramento permanente*.

Tal culto possui diversas expressões: a bênção do Santíssimo, a procissão etc. Mas o culto mais importante é a adoração. Consoante ao que afirmou Santo Agostinho, “ninguém se aproxime da eucaristia sem antes adorá-la”,⁷⁵ ajoelham-se para recebê-la, em sinal de adoração.

Concluo recordando as palavras de São João Paulo II em sua Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*: “[a] Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como *o dom por excelência*”,⁷⁶ ou seja, ela é tudo em nossa vida!

74) Rafael Sanzio (1483-1520) foi um célebre pintor e arquiteto da escola de Florença, durante o Renascimento italiano.

75) Cf. AGOSTINHO DE HIPONA. *Enarr. in Psalm.*, XCVIII, 9 (PL 37, 1264): “Nemo autem illam carnem manducat, nisi prius adoraverit”.

76) JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*, n. 11 (17 abr. 2003): AAS 95 (2003), 440: “A Christo, suo Domino, Eucharistiam accepit Ecclesia non veluti donum, licet magni pretii inter tot alia, sed *donum per excellentiam*”.